Revista Letras Raras

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7444 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

# Efemeridade, espiritualidade e afetos: uma leitura de *Batida só*, de Giovana Madalosso

*Jaqueline Castilho Machuca*[*]
Doutora em em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) Professora na área de Letras e Linguística na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) desde 2025.
https://orcid.org/0000-0001-9753-6829

**Recebido** em 17 mar. 2026. **Aprovado** em: 05 set. 2026.

**Como citar esta resenha**:
MACHUCA, Jaqueline Castilho. Efemeridade, espiritualidade e afetos: uma leitura de Batida só, de Giovana Madalosso. *Revista Letras Raras.* Campina Grande, v. 15, n. 1, e7444, nov. 2026. DOI: 10.5281/zenodo.23875231.

**Livro resenhado**: MADALOSSO, Giovana. *Batida só*. São Paulo: Todavia, 2025. 235p.

Dalcastagnè e Leal (2010, p.7), na apresentação do livro *Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea*, afirmam que o deslocamento está relacionado ao inconformismo com o lugar onde se está ou ao qual foi destinado, surgindo a necessidade de mobilidade ou questionamento a respeito desse espaço. Narrativas com trânsito de protagonistas são bastante comuns na contemporaneidade, povoando o imaginário da televisão, do *streaming* e do cinema. Na literatura, de enredos diaspóricos aos romances de estrada, essa modalidade se configura como um dos eixos centrais da produção brasileira atual, inclusive a escrita por mulheres.

Ainda que não seja o foco de *Batida só*, romance de Giovana Madalosso, publicado em 2025 pela editora Todavia, o tema *viagem* comparece de forma incisiva. Inicialmente tem-se a sensação de que a história será um clichê da narrativa de memórias despertadas pelo trânsito, com a mulher que vive em uma grande metrópole e retorna ao interior para revisitar o passado: “Foi como se eu tivesse saído de viagem e voltado para o mesmo lugar. Só que essa viagem tinha

[*] jaquelinecastilhomachuca@gmail.com

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7444 (2026)

Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

durado dezesseis anos." (Madalosso, 2025, p. 55); "Toda cidade pequena tem isto: os que vão e os que ficam (...) Claro que é preciso certa bravura para deixar um lugar e recomeçar em outro, mas também é preciso bravura para ficar." (Madalosso, 2025, p.113)

Contudo essa premissa não se consolida totalmente, já que outros temas emergem da leitura, como amizade, fé e a busca pela cura. A autora paranaense circula bem por diversas searas também em outras obras: a maternidade aparece como questão central em sua estreia literária, a coletânea de contos *A teta irracional* (2016), e *Suíte Tóquio* (2020), romance finalista do Prêmio Jabuti que deu maior visibilidade a ela na cena nacional e a coloca também em âmbito internacional; a ambição é o mote de seu primeiro romance *Tudo pode ser roubado* (2018); o equilíbrio aparece como mensagem do livro infantil *Altos e baixos* (2024). Além das produções ficcionais, Madalosso é colunista da Folha de São Paulo com posturas contundentes sobre meio ambiente, clima e feminismo.

*Batida só* é narrado em primeira pessoa pela perspectiva da protagonista Maria João, uma jornalista na casa dos trinta anos que logo nas primeiras páginas cria uma tensão interessante: após um assalto, a personagem passa mais de vinte minutos desacordada. A partir daí, a narradora nos revela suas idas e vindas em especialistas que a diagnosticam com uma arritmia cardíaca. Nesse bloco inicial entramos em contato com seus medos e suas primeiras reflexões a respeito da finitude – tema que acompanhará toda a narrativa sob óticas diferentes.

Focada em não sentir fortes emoções, ela decide passar uma temporada na casa que fora de seus avós no interior. A viagem – marcada pelo uso de antidepressivos para despistar a ansiedade e evitar taquicardia – começa com as rememorações sobre a casa e as lembranças de infância com contornos de narrativa de memórias. Mas isso não se sustenta por muito tempo, pois é com a chegada de sua amiga de infância, Sara, e seu filho de onze anos Nico, que luta contra um linfoma, que Maria João embarca em uma nova jornada, agora para a busca de melhora para o adolescente em uma pequena cidade mística com um centro de cura espiritual. Entre questões religiosas e o fervor de sua companheira, a protagonista ateia encontra nos afetos as respostas que não consegue encontrar na fé.

O romance se divide em três grandes blocos: a parte 1 (,) conta com seis capítulos que descrevem a descoberta da doença da protagonista, fazem a apresentação do entorno familiar e da relação conturbada com os pais, da sua profissão e do relacionamento com o ex-namorado

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7444 (2026)

Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

aspirante a ator. Também acompanhamos aqui o início do uso da medicação psiquiátrica e seus efeitos iniciais. Essa pauta, inclusive, imprime alguns momentos marcados por certa dose de humor: “Eu era a involução da minha própria espécie: uma *Homo chapiens*, entorpecida de miligramas e pensamentos. Quanto menos eu sentia, mais me distanciava da minha natureza.” (Madalosso, 2025, p. 92)

A parte 2 (,,) se apresenta com onze capítulos. Aqui a personagem chega à casa dos avós, reencontra Sara e conhece Nico. Nos momentos iniciais do bloco, deparamo-nos com uma protagonista assustada, mas sedenta pelo contato com suas memórias de infância. Ainda que permeada de passagens com reflexões existenciais e familiares interessantes, há algo de inverossímil nessa escolha: se ela sofre com um problema cardíaco sério que a qualquer momento poderia matá-la, escolher a solidão em um lugar com menos recursos médicos parece fazer pouco sentido. Apesar disso, é envolvente a forma como é descrito o reencontro com Sara e a inicial distância que a protagonista tenta manter de qualquer contato humano mais profundo.

Os capítulos mais longos aparecem na parte 3 (,,,), que detalha a chegada à Luziana – cidade de peregrinação de doentes em busca de cura via espiritualidade. Esse espaço evoca algo comum no Brasil, como Abadiânia, pequena cidade no interior de Goiás que ficou conhecida pelos feitos de João de Deus que, mais tarde, foi acusado de abuso sexual. Em Luziana não há gurus, mas bebidas ditas milagrosas, sessões de cura espiritual e toda a sorte de rituais que são seguidos à risca por Sara e que pouco convencem Maria João, uma cética cuja crença é apenas na medicina.

Todos os capítulos são intitulados pelo número de vírgulas de seus respectivos blocos. Os primeiros capítulos com uma vírgula (,), seguidos dos com duas (,,) e terminando em três (,,,), marcam a aceleração dos episódios narrativos e a tensão do enredo. Ao longo do texto, essa construção também aparece e seu uso indica possivelmente as taquicardias da personagem ou momentos de forte emoção: “mas logo o meu peito começou a sacudir,,,,, e minha lágrima pingou no ombro dela (Madalosso, 2025, p.34); “mas eu não queria que passasse, finalmente eu estava chorando,,, precisava daquilo.” (Madalosso, 2025, p. 225)

O enredo é convidativo, e o suspense instaurado ao redor das doenças de Maria João e de Nico, bem como a pergunta se eles vão ou não encontrar a cura, ancoram boa parte da estória (“E, naquele momento, o medo ainda vinha se ancorar na mais sombria das perspectivas: a morte.”

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7444 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

(Madalosso, 2025, p.125)). Ainda que o desfecho seja aberto e essa indagação não se responda por completo, as reflexões sobre amor e finitude levantadas pela narradora também chamam a atenção, mesmo que algumas passagens sejam de senso comum.

A temática do uso de psicotrópicos, tão em voga na contemporaneidade, aparece de forma incisiva, e as descrições das sensações sentidas antes e depois da medicação convocam o leitor a pensar no assunto. Ainda que não seja a tópica central, como é o caso de *Meu ano de descanso e relaxamento*, de Ottessa Moshfegh, traduzido e publicado também pela Todavia em 2019, no qual a personagem passa um ano dopada a fim de "se encontrar", o romance de Madalosso também descreve as consequências, ainda que distante da ironia de Moshfegh, da medicalização das emoções.

Talvez a grande mensagem da obra de Madalosso seja o lugar dos afetos, sobretudo na alteridade entre duas mulheres tão diferentes – tema em voga na literatura contemporânea. Enquanto Maria João parece uma "pobre menina rica" em busca de autoconhecimento, Sara é uma mãe zelosa cuja falta de recursos financeiros para o tratamento de saúde de Nico é colocada em evidência. O relacionamento entre elas e as notáveis diferenças, inclusive sociais, colocam essa alteridade como um contraponto interessante. O tema da maternidade, mesmo que aqui esteja tangenciado, também ganha notoriedade conforme nos envolvemos na narrativa de Sara e Nico. E não é só essa tópica que reflete questões de gênero, já que a perspectiva de uma narradora mulher, com algumas pautas políticas, religiosas e sociais, também comparece.

Ainda que em lugar secundário, a sexualidade se enuncia de formas diferentes, pois Maria João explora as diversas maneiras de lidar com a queda da libido pelo uso de antidepressivo: fantasia com atrizes famosas, relação sexual com um antigo colega de escola e masturbação. A investida da autora nesse tema com um teor *soft porn* por vezes parece exagerada e desproposital, mas é compreensível na medida em que ajuda a construir a profundidade da personagem mesmo que algumas passagens pareçam forçadas.

Ademais, o título *Batida só* faz referência clara ao problema de coração enfrentado pela protagonista ao mesmo tempo em que conversa com um tema central da obra: a solidão. Embora a trama ganhe força quando a personagem inicia as interações com Sara e Nico, é nos momentos de reflexão existencial, que aqui afloram de uma narração em primeira pessoa com uso majoritário de monólogos interiores, que a singularidade do livro reside.

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7444 (2026)

Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Por fim, a capa em cores vivas, desenvolvida pelo Estúdio Forest Design, abarca bem muitos dos temas presentes na obra, pois apresenta a oscilação de um cardiograma com a sobreposição de grandes centros urbanos e região serrana, em clara referência ao deslocamento da personagem e seu problema de saúde.

## Referências

DALCASTAGNÈ, Regina; LEAL, Virginia Maria Vasconcelos (orgs). *Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea*. São Paulo: Editora Horizonte, 2010.

MOSHFECH, Ottessa. *Meu ano de descanso e relaxamento*. Tradução: Juliana Cunha. São Paulo: Todavia, 2019.